ELE, NA JANELA...

Fernando Faria Jr.

Ele, na janela, pensou que tinha sido o único menino que nunca quis ser bombeiro. Primeiro achou de ser artista, depois árvore, depois estudou e resolveu ganhar dinheiro. Agora queria mais nada, apenas que o tempo se afobasse para que a velhice e a esclerose chegassem no fim de tudo.

Ela, sentada na cama, terminou de arrumar a mala, suspirou e ajeitou o cabelo que lhe caía à testa. Sabia que nesta hora deveria chorar. As lágrimas, porém, derramavam por dentro dos olhos. Nasciam no calor do baixo ventre, atravessavam o peito gelado, a garganta inútil, o septo e acabam queimando, doídas, em algum ponto entre as sobrancelhas: um pranto que nunca seria.

Ele, olhando os bares do outro lado da rua, quis esquecê-la. Mas só sabia esquecer quando recôlhido aos braços dela – ah, aqueles braços de deslembamento – que agora, desgraçadamente, carregavam a mala e batiam a porta.

Ela, descendo os sessenta e quatro degraus da escada, pensou doze vezes em voltar, duas em morrer, seis em esquecer e, no mais, não pensou em nada.

Eles se olharam por um momento: ele, na janela, fechou os olhos; ela, na calçada, virou o rosto. A rua estava comum naquela noite: o vento muito frio, o céu tão alto e as pessoas ainda mais desbotadas, com as cabeças baixas, escondendo sonhos desesperados. Ela, então, largou a mala, tirou os sapatos, espalhou demais os cabelos e dobrou na terceira esquina.

Ninguém chorou, ninguém fingiu. Ele enriqueceu, ela não procurou. Ele não pensou, ela esqueceu. E, nesse mundo tão pequeno, nunca mais se encontraram.